

**AS MULHERES TRANSEXUAIS NO CONTEXTO DO ENEM: UM ENFOQUE A
PARTIR DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E DA TEORIA DE
REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS**

Antonio Soares da Silva Júnior¹

RESUMO: O objetivo deste artigo foi investigar, do ponto de vista linguístico-discursivo, a construção da representação de mulheres transexuais a partir de recursos linguísticos utilizados por elas no contexto da prova do Exame Nacional do Ensino Médio, manifestado no discurso das próprias na mídia eletrônica. Para isso, utilizamos cinco reportagens retiradas da *web* que relatam preconceito contra essas mulheres na aplicação do exame durante os anos de 2014 a 2017, período de implantação da medida que assegura o uso do nome social. Na análise, as escolhas léxico-gramaticais no texto foram consideradas sob a óptica da Gramática Sistêmico-Funcional, proposta por Halliday e Matthiessen (2004; 2014), focalizando-se a metafunção ideacional, pelo Sistema de Transitividade; já as representações discursivas das envolvidas nos fatos relatados foram consideradas de acordo com a categorização proposta pela Teoria de Representação dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1997; 2008). Os resultados indicam que as mulheres transexuais expressam discursivamente duas características macro da sua representação: 1) a posição de resistência desses atores sociais – evidenciada nos processos materiais e verbais através da representação por inclusão ativa -, e 2) a posição de grupo submisso a uma estrutura de dominação – materializada pelos enunciados mentais e relacionais e expressa nas evidências linguístico-discursivas da representação por inclusão passiva.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática Sistêmico-Funcional; Representação dos Atores Sociais; Mulheres transexuais.

ABSTRACT: The main goal of this piece of research was to investigate, from the linguistic- discursive point of view, the construction of the representations of the transsexual women applying for the National High School Examination, as realized in their own discourse in the electronic media. To do this, we used five pieces of news, from the web that reported on the prejudice against these women reported during 2014 in 2017, period of implementation of the measure of disclosure of the use of the social name. The linguistic analysis focused on the lexical-grammatical choices in the texts made by those women, considered from the perspective of the Systemic-Functional Grammar (SFG), as proposed by Halliday and Matthiessen (2004, 2014), focusing on the ideational metafunction, by the Transitivity System; the discursive representations of those involved in the reported facts were considered according to the categorization proposed by the Theory of Representation of Social Actors (VAN LEEUWEN, 1997, 2008). The results indicate that transsexual women discursively construe two macro figures of their representation 1) the resistance position of these social actors - evidenced in the material and verbal processes through active inclusion representation -, and 2) the group position submissive to a structure of domination - materialized by mental and relational statements and expressed in the linguistic-discursive evidences of the representation by passive inclusion.

KEY-WORDS: Systemic-Functional Grammar; Representation of the Social Actors; Transgender women.

Introdução

¹ Mestrando em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Aplicada Universidade Estadual do Ceará e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: silva_jnior@yahoo.com

Neste artigo se percebe a relação explícita entre língua e práticas sociais. Isso indica que, ao usar a língua, os atores sociais constroem imagens de si mesmos e dos outros além de construírem papéis sociais para si mesmos e para os seus interlocutores². Sendo assim, a linguagem serve, em determinados contextos, como principal mecanismo para disseminar preconceitos, incluir ou excluir sujeitos, já que o discurso é um momento de práticas sociais e, por isso, está totalmente ligado às relações de poder (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

No caso da exclusão, ela se dá, acima de tudo, na e pela língua com a população transexual³ brasileira, grupo social tema deste estudo, que se mantém à margem da sociedade, o que contribui para que o Brasil continue liderando o *ranking* de mortes da população transexual. De acordo com a ONG *International Transgender Europe* (TGEU), rede europeia de organizações que apóiam os direitos da população transexual, o Brasil é o país que mais mata em todo mundo a população LGBT⁴. Sobre essas estatísticas, o Grupo Gay da Bahia afirma que a cada 25 horas um LGBT é assassinado, isto quer dizer que, ainda conforme o grupo, “mata-se mais LGBT’s no Brasil do que nos 13 países do Oriente e da África onde há pena de morte” para tais sujeitos (GGB, 2017, p. 18). Para exemplificar tais crimes de ódio, deve-se ressaltar o homicídio de Dandara dos Santos, travesti⁵ cearense de 42 anos, em Fortaleza – Ceará, que foi brutalmente agredida à pauladas e à pedradas e, após minutos de tortura, assassinada com disparos de arma de fogo, no dia 15 de fevereiro de 2017 (GGB, 2017).

Essa conseqüente marginalização afasta as mulheres transexuais de muitos espaços na sociedade brasileira. Um deles, tema deste artigo, é o Exame Nacional do Ensino Médio (doravante ENEM), estabelecido pela portaria nº 438, de 28 de maio de 1998, que tinha por objetivo inicial avaliar o desempenho do aluno da rede escolar e que, atualmente, serve como mecanismo de disputa: para vagas nas Universidades Federais ou nos Institutos Federais de Educação através do SISU (Sistema de Seleção Unificada); do PROUNI (Programa Universidade para Todos); e do FIES (Fundo de Financiamento Estudantil). Esse afastamento

² Este trabalho está vinculado ao grupo de pesquisa do CNPq GSF/ACD - SERTÕES: do curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal do Ceará (*Campus Crateús*) cujos objetivos são voltados às análises de textos reais em diversos contextos sociais; ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

³ Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer (JESUS, 2012, p.26).

⁴ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

⁵ Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero (JESUS, 2012, p.26).

se dá, dentre outros motivos, pela falta de reconhecimento da identidade de gênero⁶ no que diz respeito a não-utilização do nome social⁷ para se referenciar as pessoas transexuais e por outras formas possíveis de tratamento discriminatório.

Mesmo sem nenhuma menção no Edital N°. 12 de 8 de maio de 2014, o direito ao uso do nome social por participantes transexuais no ENEM foi anunciado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (doravante Inep) naquele ano. No entanto, somente em abril de 2016, durante o governo da presidenta Dilma Rousseff, foi publicado o Decreto Presidencial N°. 8.727/2016, que “dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais, no âmbito da administração pública federal” (BRASIL, 2016, p. 1). A regulamentação desta política pública possibilitou o crescimento no número de pessoas transexuais na participação no ENEM e dentro das Instituições de Ensino Superior, já que, de acordo com o Inep, o número de pedidos para o uso do nome social foi realizado por 102 participantes, no ano de 2014; 278 participantes, no ano de 2015; 408 participantes, no ano de 2016 e 303 participantes em 2017⁸. Pode-se notar que, após a publicação do referido decreto, houve aumento do número de pedidos, ainda assim, situações de discriminação e de desrespeito ao direito do uso do nome social ocorreram durante a aplicação deste exame nos últimos anos, as quais foram publicizadas em mecanismos de comunicação como *sites* e *blogs*.

Com isso em mente, este artigo objetiva investigar, do ponto de vista linguístico-discursivo, a construção da representação de mulheres transexuais a partir de recursos linguísticos utilizados por elas no contexto da prova do Exame Nacional do Ensino Médio, manifestado no discurso das próprias na mídia eletrônica. Esse objetivo foi tratado com a ajuda dos pressupostos teóricos da abordagem funcionalista da linguagem, mais especificamente, os princípios da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) de Halliday e Matthiessen (2004, 2014), a partir do Sistema de Transitividade, ou seja, através da codificação de processos, participantes e circunstâncias; e com o auxílio da Teoria de Representação dos Atores Sociais de van Leeuwen (1997; 2008), com as categorias de inclusão e exclusão. Para o *corpus* desta pesquisa,

⁶Gênero com o qual uma pessoa se identifica que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer, que é diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem (JESUS, 2012, p. 24).

⁷Designação pela qual a pessoa transexual se identifica e é socialmente reconhecida (BRASIL, 2016).

⁸ O número de participantes transexuais não foi contabilizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais nos anos de 1998 a 2013, já que não havia nenhuma medida oficial de inclusão deste público em relação ao ENEM, especificamente.

foram selecionados cinco textos publicados nos anos de 2014 a 2017, nos *websites* do G1 e da Agência Brasil, focalizando representações manifestadas na voz das próprias mulheres transexuais.

Este artigo está dividido em seis seções. A segunda seção versa a respeito da Linguística Sistêmico-Funcional, de Michael Halliday (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014). A terceira discute sobre os pressupostos teóricos da Teoria de Representação dos Atores Sociais, de Theo van Leeuwen (1997; 2008). A quarta seção apresenta o *corpus* desta pesquisa e os respectivos procedimentos metodológicos da análise. Em seguida, a seção de número cinco analisa do ponto de vista linguístico-discursivo as representações linguísticas das mulheres transexuais no contexto do ENEM. E, por último, apresentamos as considerações finais e as possibilidades para novos estudos.

1. A Linguística Sistêmico-Funcional e sua dimensão experiencial das línguas

A Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), proposta por Michael Alexander Kirkwood Halliday nos anos 1960 e 1970, com a obra *An Introduction to Functional Grammar* (doravante GSF) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1985, 1994, 2004, 2014), é uma teoria sócio-semiótica, pois entende que os significados são construídos (semiótica) em sociedade (social). Logo, vê a lingual como entidade viva em diversos contextos reais de uso, influenciada por grupos sociais e situações contextuais e variável, pois nela há um potencial de significados à disposição dos falantes para satisfazerem as suas necessidades de ler/interpretar/representar o mundo e de se relacionarem com outros falantes de modo organizado. Assim, para esta abordagem, há uma relação dinâmica entre texto e contexto, uma vez que o texto se encontra envolvido, produzido e negociado dentro de um contexto, a partir da relação língua-sociedade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Segundo a LSF, um texto ocorre em dois contextos, um dentro do outro: o contexto de cultura e o contexto de situação. O mais amplo, o contexto de cultura, para Halliday (1999, p. 17) “é a construção dos estilos de vidas tradicionais, crenças e valores de uma comunidade” e, dentro deste, falantes usam a lingual em contextos imediatos, conhecidos na LSF como contexto de situação.

Para esta teoria, a linguagem põe em movimento, simultaneamente, elementos extralinguísticos e intralinguísticos organizados hierarquicamente. No estrato semântico

intralinguístico, suas três metafunções são: a ideacional, que engloba os significados experienciais e lógicos; a interpessoal, que tem a ver com os significados interpessoais, e a textual, que fornece elementos para a coesão e coerência dos textos. Estas categorias semânticas também se alinham com o estrato abaixo, a léxico-gramática, constituído de três áreas sistêmicas: o sistema de transitividade e o sistema das relações lógico-semânticas, os sistemas de modo e modalidade, e os sistemas de tema e rema.

Cada estrato acima se comunica uns com os outros através de uma relação de realização. Isto significa que um estrato realiza/constrói outro imediatamente superior que, por sua vez, é realizado por /ativa o imediatamente inferior. Dito de outra forma, o campo, variável do contexto de situação, um dos elementos extralinguísticos, por exemplo, é realizado por/ativa a área de significado ideacional da semântica, que é realizada por/ativa, no nível da léxico-gramática, pelo Sistema de Transitividade e/ou pelo Sistema das Relações Lógico-semânticas, cujas escolhas acontecem no estrato da expressão, formado pela fonologia e grafologia. Neste artigo, para analisar o discurso das mulheres transexuais no contexto do ENEM, utilizamos a metafunção ideacional, no nível experiencial, realizada no nível do estrato léxico-gramatical, pelo Sistema de Transitividade.

Este sistema fotografa diferentes atividades/ações ou comportamentos humanos através da relação entre os seguintes constituintes funcionais da oração: processos – grupos verbais que realizam linguisticamente o que acontece –; participantes – grupos nominais que correspondem linguisticamente aos envolvidos no processo, ou seja, quem faz o quê a quem – e circunstâncias – grupos adverbiais que contextualizam o processo, isto é, como/quando/onde acontece.

Halliday e Matthiessen (2014) apontam que as representações linguísticas das experiências podem construir figuras representacionais, através de processos, que resumem as possibilidades de representação da realidade: material, mental e relacional (os três principais tipos de processos); verbal, comportamental e existencial (os processos secundários). Cada um desses processos possui os seus participantes potenciais centrais e adicionais. Por exemplo, os processos materiais pertencem ao espaço semântico do 'fazer' e 'acontecer' e têm como participantes centrais o Ator e a Meta, além do Escopo, Atributo e do Beneficiário, como seus participantes adicionais.

Na análise, que se apresenta na seção 5, foram considerados todos os elementos do Sistema de Transitividade: processos, participantes e circunstâncias visto que cada um contribui na construção da representação linguístico-discursiva das mulheres transexuais durante o

ENEM nos anos de 2014 a 2017. Na próxima seção, discorreremos sobre a Teoria de Representação dos Atores Sociais de Theo van Leeuwen (1997; 2008), que demonstrará como os atores sociais, no caso as mulheres transexuais, representam-se discursivamente no contexto do ENEM.

2. A Teoria de Representação dos Atores Sociais: inclusão e exclusão através da representação linguística

Apoiando-se na abordagem funcional da linguagem verbal de Halliday, dentro do projeto colaborativo da Análise Crítica do Discurso – que considera a linguagem como prática social, pois esta produz e transforma o aspecto social que a determina e restringe (FAIRCLOUGH, 2001)-, destaca-se a Teoria de Representação dos Atores Sociais de van Leeuwen (1997; 2008) a fim de esclarecer como as representações linguísticas includentes ou excludentes de atores sociais ajudam a sustentar relações de poder dentro de uma determinada prática social.

No texto *Representing Social Actors*, van Leeuwen (2008, p. 23) adota o termo “atores sociais” para referir-se, dentro de um discurso, aos usuários da língua, ou seja, “os participantes dentro das práticas sociais”. Para o autor, há possibilidades na língua de representar intencionalmente o papel dos atores sociais de modo impessoal, dependendo da intenção do usuário e da sua visão de mundo em um determinado contexto situacional.

Van Leeuwen (2008, p. 23) sistematiza a representação dos atores sociais através de um “inventário de categorias sócio-semânticas”, já que estas ultrapassam o linguístico ao considerarem as representações dos participantes das práticas sociais nos textos em uso, e que se articulam para incluir ou excluir sujeitos, cada uma com suas possibilidades de realizações léxico-gramaticais. Tal sistematização desse grupo de elementos linguístico-discursivos, dentro desse modelo teórico, dá-se a partir de dois processos principais de representação e de outros secundários. Os centrais são chamados de Inclusão e de Exclusão. Estes dois tipos de representação correspondem ao modo como os atores sociais se situam linguisticamente no âmbito da hierarquia da oração dentro no contexto oracional e os papéis que eles exercem nele. Ademais, as representações por Inclusão e Exclusão são capazes de manipular a favor dos interesses do usuário. Isso é confirmado quando van Leeuwen (2008, p. 28) diz que “as representações incluem ou excluem atores sociais que se adéquam aos seus interesses e

propósitos em relação aos leitores a quem se destinam”.

Na representação por Inclusão, os atores sociais estão materializados linguisticamente no discurso e, em consequência disso, assumem diversos papéis. Esta forma de representação dos atores sociais, pode ocorrer, essencialmente, por Ativação e Passivação⁹. A Inclusão por Ativação se dá “quando os atores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas dentro de uma atividade” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 187), isto é, os atores sociais participam ativamente como participantes como agentes do processo. A outra forma de representação, a Inclusão por Passivação, ocorre quando os participantes são representados recebendo alguma atividade ou se sujeitando a algo, tornando-se um sujeito da passividade ou um beneficiado com a passividade. Essa distribuição de papéis ativos e passivos incluídos no discurso é operacionalizada através da circunstancialização - através de frases preposicionais, quando os atores sociais são ativados ou passivados mediante as circunstâncias indicadas pelas preposições -; da possessivação - através de pronomes possessivos, quando os atores sociais ativos são pronominalizados ou quando a agência é encoberta -; e da participação - que ocorre na relação entre os grupos nominais, verbais e adverbiais; o que a GSF chama de transitividade (VAN LEEUWEN, 2008, p. 33).

De outra maneira, o segundo processo principal, a representação por Exclusão, acontece quando os atores sociais são apagados a partir das intenções do usuário. Na sistematização desse tipo de representação, van Leeuwen (1997; 2008) nota que nem toda representação por Exclusão deixa marcas no discurso. Por isso, o autor categorizou duas formas de representação dos atores sociais por Exclusão: a Exclusão por Supressão e a Exclusão por Encobrimento. Há Exclusão por Supressão quando o ator social for totalmente excluído do discurso, isto quer dizer que, a Supressão se dá pela falta de marcas do ator social no texto. Já a segunda forma de Exclusão, o Encobrimento, configura-se quando o ator social é colocado em segundo plano, ou seja, nesta a exclusão é indireta e parcial materializada em formas de elipses representacionais. Nesta forma, pode-se recuperar em algum momento do texto o ator social dentro de determinada

⁹ No inventário sócio-semântico da Teoria de Representação dos Atores Sociais, van Leeuwen (2008) apresenta outras categorias de Inclusão, como: **Associação e Dissociação; Diferenciação e Indiferenciação; Sobredeterminação; e Personalização e Impersonalização**, cada uma ou cada par com suas sub-categorias. Para esta pesquisa, por motivo de recorte teórico-metodológico, limitamo-nos à Inclusão por Ativação e Passivação, uma vez que o objetivo deste trabalho investigar, do ponto de vista linguístico-discursivo, a construção da representação de mulheres transexuais a partir de recursos linguísticos utilizados por elas no contexto da prova do Exame Nacional do Ensino Médio, manifestado no discurso das próprias na mídia eletrônica, a fim de compreender qual é o papel da língua na construção da representação dessas mulheres como sujeitos ativos ou passivos durante essa prática social - o ENEM.

prática ou ação. De acordo com van Leeuwen (2008) a Supressão e o Encobrimento podem se materializar linguisticamente através do apagamento do agente da passiva; das nominalizações de um processo (material, mental, relacional, verbal, existencial ou comportamental) ou dos adjetivos; e das orações infinitivas (quando o verbo no infinitivo funcionar como participante).

Van Leeuwen (2008) deixa claro que as formas de incluir ou excluir sujeitos no discurso contribuem com práticas de inclusão ou exclusão destes sujeitos na sociedade, construindo uma identidade para esses sujeitos em diversos contextos. Dessa forma, na seção seguinte, apresentaremos os aspectos metodológicos quanto ao *corpus* e aos procedimentos de análise.

3. Metodologia

Por serem, a GSF e a Teoria de Representação dos Atores Sociais, abordagens em que a relação entre texto e contexto se faz necessária, nesta seção, inicialmente, estão apresentados dados a respeito do *corpus*, a fim de informar sobre o contexto em que os textos analisados aparecem. Na sequência, estão descritos os procedimentos da análise do *corpus*.

3.1. O *corpus*

Para a coleta de textos que abordam a participação de mulheres transexuais no Exame Nacional do Ensino Médio, foi utilizado o *website* de busca *Google*, usando-se como palavras de busca as expressões “mulheres transexuais no ENEM” e “mulheres transexuais sofrem preconceito durante o ENEM” para se chegar a reportagens com tais características. Foram selecionadas cinco reportagens que noticiaram a participação desse público no ENEM, em dois veículos: o G1 e a Agência Brasil, como apresentado a seguir:

Quadro 1 - O *corpus* de análise

Código	Título do texto	Fonte de publicação	Data de publicação
[R 01]	Inep diz que 95 transexuais poderão usar nome social no Enem 2014	G1/ Globo.com	07/09/2014
[R 02]	Transexuais reclamam de preconceito durante prova do Enem	Agência Brasil	24/10/2015
[R 03]	Trans aprovada no Sisu dá dicas a quem vai usar o nome social no Enem	G1/ Globo.com	22/10/2015
[R 04]	Aumenta o uso do nome social por travestis e	Agência Brasil	12/10/2016

	transexuais no Enem 2016		
[R 05]	Mulher trans paraense sera reconhecida na prova do Enem com nome social	G1/ Globo.com	31/10/2017

Fonte: G1 e Agência Brasil (2014; 2015; 2016; 2017)

Estes portais foram escolhidos por noticiarem desde o ano de 2013 – quando as primeiras participantes transexuais relataram discriminação durante a aplicação do exame - o preconceito vivido por estas na aplicação do ENEM, tornando-se na mídia eletrônica brasileira os principais veículos que deram visibilidade para estes acontecimentos. Além disso, o gênero **reportagem** foi utilizado pelo seu caráter intertextual, isto quer dizer que, este gênero possibilita a ocorrência de diversas vozes nas suas instanciações. Assim, foi possível investigar na voz das próprias mulheres transexuais como elas representam a si mesmas durante essa prática social – o ENEM.

3.2. - Procedimentos de análise

A análise do *corpus* foi realizada em duas etapas: a) organização dos dados linguísticos e b) análise dos elementos linguístico-discursivos na voz das mulheres transexuais.

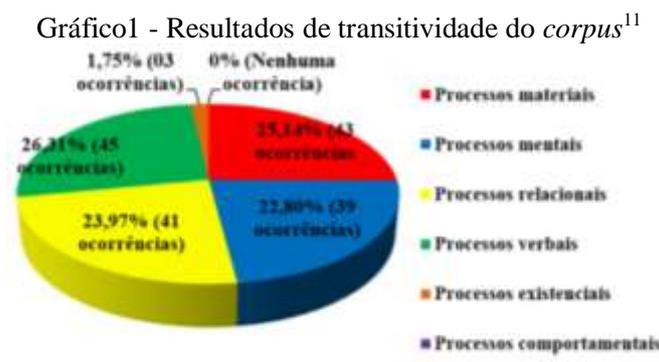
Na primeira etapa, o passo inicial foi segmentar os textos do *corpus* em orações e complexos oracionais e, após isso, enumerá-los utilizando o critério de pontuação para definir a extensão dos complexos analisados. No segundo passo, para fins de análise linguística do ponto de vista da transitividade, aplicamos aos complexos oracionais a mesma classificação utilizada nas orações simples, ficando assim, por vezes, orações e complexos oracionais funcionando como participantes específicos ou Circunstâncias. O terceiro passo foi identificar e quantificar as orações projetadas pelas orações verbais no *corpus* (característica do gênero textual **reportagem**), o que nos levou a considerar a presença de outros discursos, além daquele manifestado na voz do produtor do texto. Com base nisso, o quarto passo foi destacar dos textos as vozes não autorais, isto é, todo dizer que não pudesse ser atribuído ao autor do texto. O quinto passo consistiu na seleção das Citações e Relatos em que os dizeres são atribuídos às vozes das mulheres trans, assim foram analisados 9 (nove) Relatos e 20 (vinte) Citações (FUZER; CABRAL, 2014). Considerando as Citações e Relatos destacados, o último passo consistiu na análise das orações que fizessem referência, linguisticamente, às mulheres transexuais e à

participação das mulheres transexuais no ENEM.

A segunda etapa tem por finalidade a análise das constituintes oracionais e suas funções a partir do Sistema de Transitividade (relação entre processos, participantes e circunstâncias) que realiza a Metafunção Ideacional na sua dimensão experiencial e da Representação dos Atores Sociais através do inventário sócio-semântico proposto por Theo van Leeuwen (2008) com as categorias de Inclusão (por Ativação e por Passivação) e Exclusão (por Encobrimento e Supressão) dos atores sociais nas orações que manifestam representações na voz das mulheres transexuais. A partir dos dados obtidos, obtivemos um mapeamento das escolhas léxico-gramaticais das mulheres transexuais e de como estes sujeitos representam a si no contexto do ENEM.

4. Resultados e discussão

Considerando o contexto situação, a aplicação do ENEM, dentro de um contexto sociocultural que envolve como as transexuais são tratadas nas práticas sociais no Brasil (e na maior parte do mundo); e, além disso, levando em conta como as mulheres trans¹⁰ representam a si mesmas na aplicação do ENEM, dentro destes contextos, do ponto de vista da análise de transitividade, os resultados em números percentuais estão mostrados no Gráfico 1:



Fonte: o autor.

Foram analisados 49 (quarenta e nove) complexos oracionais e 171 (cento e setenta e uma) orações. Quanto à análise linguístico-discursiva, de acordo com o inventário sócio-semântico proposto por van Leeuwen (1997; 2008), a partir das categorias de Inclusão e Exclusão, constatamos a presença representativa das mulheres transexuais na sua própria voz

¹⁰ Neste artigo, utilizaremos “trans” como categoria que agrupa as identidades “travesti” e “transexual”.

¹¹ Não foi encontrada nenhuma ocorrência de processos comportamentais no *corpus*.

em 60 ocorrências de representação por Inclusão e de 70 ocorrências de representação por Exclusão. O Gráfico 1 apresenta valores próximos em relação ao número de ocorrências de cada tipo de processo contabilizado; no entanto, percebe-se a proeminência de processos verbais e materiais. Por conta dessa proximidade, no que diz respeito ao número de ocorrências, primeiramente, averiguamos quais processos foram mobilizados nas orações que as mulheres transexuais ocuparam lugar de Participante incluído ou de Participante excluído; em seguida, examinamos quais papéis semânticos esses atores ocupam na relação transitiva com tais processos.

Das 171 orações analisadas, 45 (quarenta e cinco) orações eram fotografias representacionais do “**dizer**”. Um dos motivos que atribuímos a essa proeminência é o caráter narrativo do gênero **reportagem**, que possibilita o estabelecimento de “passagens dialógicas em narrativas escritas e desenvolver relatos de diálogos em narrativas orais” (CUNHA; SOUZA, 2007, p. 72). Assim, através dos processos verbais e das orações projetadas a partir deles, as mulheres transexuais assumem o papel de **Dizente** em 36 ocorrências, em cinco desses casos aparecem na primeira pessoa do discurso (eu/nós), no singular ou no plural, de forma elíptica ou de forma explícita, e, em outras ocorrências são representadas, na maioria das vezes, pelos pronomes pessoais “ela” ou “nós” - ou pela omissão destes. Estas formas elípticas acontecem de forma comum na língua portuguesa, pois, a desinência número-pessoal já indica a pessoa a que o verbo se refere. No entanto, através destas ocorrências – na forma elíptica ou não, que acontecem em todos os outros tipos de processos no decorrer do *corpus* -, pode-se notar que essa estrutura serve para chamar atenção, no caso dos processos verbais, do **Dizente** como um participante consciente que se posiciona naquele determinado contexto – na aplicação do ENEM e no contexto sociocultural em que este público se encontra inserido –, isso é demonstrado pelos processos verbais “afirmar”, “frisar”, “reclamar” e “questionar”. Estas realizações das transexuais como **Dizente** responsabilizam estes atores sociais por forças dinâmicas do texto, através da participação ativa. Vejamos alguns exemplos destas ocorrências:

62	[Ela/ a participante transexual]	reclamou.	[(Orações 58, 59, 60 e 61)]
	Part. Dizente	Proc. Verbal	Part. Verbiagem

93	[...] nós [mulheres transexuais]	precisamos falar	em representatividade sobre o processo contínuo de humanização social.
	Part. Dizente	Proc. Verbal	Part. Verbiagem

Através dos processos verbais, esses atores sociais narram toda a sua vivência, relatam o preconceito vivido durante várias situações e assumem o papel de **Dizente** consciente na maioria das ocorrências. Isso pode ser visto nas 20 ocorrências de Inclusão por Ativação das mulheres transexuais nas orações verbais, ou seja, estes atores sociais participam ativamente desses processos ao remeter algo a si ou aos seus pares, já que estas relatam dinamicamente suas vivências através de processos “do dizer” (FUZER; CABRAL, 2014). Fazem isto ao assumirem primordialmente o papel de **Dizente** ativo e consciente, e ao passo que não se apresentam como participante **Receptor** nas orações verbais. Assim, as transexuais demonstram que têm autonomia, através da sua própria voz, para “afirmar”, “perguntar”, “relatar” e “dizer”, como sujeitos empoderados e ativos dentro dessa fotografia representacional durante a aplicação do ENEM e nos demais contextos sociais.

Dentre as 43 (quarenta e três) ocorrências de processos materiais, as mulheres transexuais assumiram o papel de **Ator** em 31 ocorrências, de forma individualizada ou coletivizada e, como também, através dos pronomes pessoais “eu”, “nós”, “ela/elas” (elípticos, ou não). Isso indica que, além de assumirem o papel social de **Dizente** conscientes e ativos através dos processos verbais, este grupo também se reconhece como participante protagonista das mudanças transformadoras a partir de “ações concretas” do mundo físico (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), como mostram os exemplos retirados do *corpus*:

05	[...] em várias redes de ensino básico e superior,	as pessoas transexuais	já	Usam	o nome social	em crachás e listas de presença, por exemplo.
	Circunstância	Part. Ator	X	Proc. Material	Part. Meta	Circunstância

11	[...] das 'trans'	começarem a entrar	na universidade [...]
	X	Part. Ator	Proc. Material

Em nossos dados, as mulheres transexuais são inclusas por ativação em 12 (doze) ocorrências nos processos materiais. Nestes enunciados, quando estes atores sociais assumem o papel de **Ator** de forma ativa no discurso, muitas vezes, os participantes classificados como **Meta** são “o nome social” (Orações 05, por exemplo); “a universidade” (Orações 11, por exemplo), “a nota do ENEM” ou “ENEM”, “os estudos” ou “o ensino médio”. Essas construções linguísticas evidenciam que estes atores sociais, as mulheres trans, representam-se em ações materiais como indivíduos agentes de muitas atividades ou acontecimentos do mundo

físico; como sujeitos capazes de ocupar diferentes espaços que lhes são negados no mundo físico – como a escola, e a universidade.

Além da forma ativa e dinâmica de representação, estes atores sociais são incluídos como participantes passivos nas orações materiais 64 e 159, o que indica que o preconceito, além de verbalizado através dos processos verbais, foi vivido no mundo material durante a aplicação do exame, como ilustra a oração 64:

64	[...]ah, meu filho, você [a participante transexual]	não pode assinar	nome fictício aqui'.
	Part. Ator	Proc. Material	Part. Meta

Além do tratamento no gênero masculino, nesta oração a participante transexual se apresenta de forma passiva pela negação junto ao processo material “pode assinar”. Em contraste a essa forma, na oração 159, esse grupo aparece beneficiado pelo processo material “trazer” quanto ao uso do nome social durante o exame, vejamos:

159	[...]e	[Ele/ O USO DO NOME SOCIAL NO ENEM]	Traz	cidadania para a população trans de todo o país.
	X	Part. Ator	Proc. Material	Part. Meta

Na sua própria voz, o grupo de mulheres transexuais não inclui, de forma ativa ou passiva, nenhum outro grupo de atores sociais, isto significa que, as mulheres transexuais não materializam em seus discursos outros atores (estes só aparecem de forma elíptica, configurando representação por Exclusão). Assim, na maioria das vezes, elas se auto-representam como protagonistas nas transformações do mundo material através das suas escolhas léxico-gramaticais, ou seja, elas constroem a partir desses significados uma posição de empoderamento e resistência em relação à estrutura hegemônica que as marginaliza, atuando como sujeitos agentes/ativos dos processos de transformação das práticas sociais, especialmente, protagonizando as fotografias representacionais do mundo físico.

No meio das 39 (trinta e nove) ocorrências de processos mentais – manifestações léxico-gramaticais que representam à apreciação/percepção do mundo, crenças, valores e desejos expressos no discurso (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) -, há 27 (vinte e sete) casos que apresentam as mulheres transexuais como participante **Experienciador**, inclusas de maneira individual ou coletiva, materializadas ou elípticas no discurso. Estas orações mentais

apresentam “processos mentais de cognição, relacionados à decisão e compreensão (saber, entender, decidir); processos mentais de percepção, relacionados à observação de fenômenos (sentir)” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 209).

Como exemplos de processos mentais cognitivos, temos “saber”, “acreditar” e “crer”. Nestas orações, que expressam como o preconceito é vivenciado no mundo das ideias na voz das mulheres transexuais, os participantes Fenômenos destes processos – “**que, quando há o reconhecimento do nome social, há a legitimidade de gênero dentro do âmbito de aplicação de prova**”; “**que é difícil ter a sua identidade gênero não respeitada**”; “**que só agora [Ela/ a participante transexual] pode exercer sua cidadania em plenitude**” e “**que a partir do ano que vem o número [de participantes transexuais no ENEM] possa aumentar**” – mostram como as mulheres transexuais evidenciam linguisticamente a sua percepção da aplicação da medida do uso do nome social e dos efeitos ela pode acarretar no fluxo do pensamento delas e, por conta disso, estas se representam como sujeitos inclusos e ativos no discurso em seis ocorrências no *corpus* através dessas orações que expressam a sua compreensão cognitiva de mundo.

Já nas orações mentais perceptivas, aquelas que são marcadas linguisticamente no *corpus* pelos processos “sofrer”, “vou passar”, “fazia passar”, “receber”, expressam linguisticamente as ocorrências daquilo que é sentido por esses atores sociais, o participante **Fenômeno**, e, além disso, demonstram através deste participante que o preconceito vivido durante a aplicação do ENEM e, como também, em outras situações da vida desses sujeitos – além de verbalizado e presente nos eventos do mundo exterior/físico – foi também sentido por estes atores sociais, como ilustra as orações a seguir:

35	[Eu/Rafaelly Wiest]	[...] sofri	muita violência psicológica [...]
	Part. Experienciador	Proc. Mental	Part. Fenômeno

75	[Eu/ a participante transexual]	[...] vou passar	pelos mesmos problemas, frequentar banheiro de deficiente, ser tratado como 'ele' e ainda ouvir chacotas?”, [...]
	Part. Experienciador	Proc. Mental	Part. Fenômeno

Nestes tipos de processo, os mentais perceptivos, os participantes que assumem o papel de **Fenômeno** reafirmam que as mulheres transexuais têm em sua vivência diária, além da violência verbal e física, a violência psicológica/mental; e, através desses enunciados mentais

perceptivos, as mulheres transexuais se representam de forma apassivada em seis ocorrências, construindo uma imagem de “mulher transexual” que sente/percebe o preconceito durante a aplicação do exame e em outras situações da sua vida social.

Dentre as 41(quarenta e uma) ocorrências de processos relacionais, as mulheres transexuais assumem o papel de participante principal – **Identificado/Portador**- em apenas 17 (dezesete) casos, de forma individualizada ou coletivizada, materializada ou elíptica no discurso. Esse tipo de processo possui a função de classificar, caracterizar algo ou alguém, relacionando duas entidades no discurso. Assim, na voz sua própria voz, as mulheres trans constroem um perfil individual e um perfil coletivo através dos enunciados relacionais.

As mulheres transexuais (cada participante específica entrevistada nas reportagens que compõem o *corpus*) assumem o papel de participante **Identificado** em 10 (dez) ocorrências - através dos processos “ser / parecer / ter / estar”; da primeira pessoa do discurso (no caso das citações) e da terceira pessoa do discurso (no caso dos relatos) - e expressam linguisticamente características físicas ou características pontuais que as identificam durante a aplicação do ENEM. A seguir um exemplo dessas ocorrências, na oração 45:

45	[...]que [Ela/ Tyfany Stacy]	foi	humilhada por fiscais e encaminhada para o banheiro de deficientes e não para o feminino,	na Universidade Estácio de Sá, campi Norte Shopping, na zona norte do Rio.
X	Part. Identificado	Proc. Relacional	Part. Identificador	Circunstância

Esse grupo de atores sociais também se caracteriza de forma coletiva (onde X é/ou está em A) ao assumir o papel de participante **Portador** em 7 (sete) enunciados relacionais. A partir das suas experiências de mundo, as mulheres transexuais representam “qualificações gerais ou descrições” como grupo a partir do contexto situacional do ENEM (CUNHA; SOUZA, 2007 p. 68), as orações a seguir demonstram essa relação estática:

84	[...]de Que	[Elas/ AS MULHERES TRANSEXUAIS]	são	tidas pela sociedade como corpos abjetos.
X		Part. Portador	Proc. Relacional	Part. Atributo

86	Nós [AS MULHERES TRANSEXUAIS]	Somos	invisíveis para a população.
	Part. Portador	Proc. Relacional	Part. Atributo

Esses participantes secundários possibilitam a inclusão desses atores sociais como sujeitos passivos ou ativos no discurso. Nos processos relacionais, as mulheres transexuais aparecem inclusas - expressas/materializadas no discurso - em 10 (dez) ocorrências como sujeitos passivos, representados sempre sofrendo com a ação verbal dos processos relacionais e dos participantes secundários, e apenas em duas ocorrências como ativos participando dinamicamente do processo. Isso demonstra que as características atribuídas na voz das próprias mulheres transexuais auxiliam na eternização da discriminação em diversos espaços sociais, educacionais ou culturais como, por exemplo, o espaço foco desta análise - o ENEM.

As mulheres transexuais, na sua própria voz, representam-se como atores inclusos e dinâmicos em 40 (quarenta) ocorrências distribuídas nos quatro tipos de orações: vinte ocorrências em processos verbais; doze ocorrências em processos materiais; seis ocorrências em processos mentais; duas ocorrências em processos relacionais. A grande proeminência de processos verbais e materiais na representação ativa destes atores sociais indica que, através dos processos verbais e materiais, as mulheres transexuais assumem papéis sociais de sujeitos empoderados em posição de resistência no mundo material, utilizando o discurso como ferramenta de luta contra forças hegemônicas, enfrentadas durante o ENEM e em outros contextos por estes sujeitos. A respeito desse posicionamento emancipatório e de autonomia, Moita Lopes (2002, p. 55) diz que

a percepção do discurso como construção social coloca as pessoas como participantes nos processos de construção dos significados da sociedade e, portanto, inclui a possibilidade de permitir posições de resistência em relação a discursos hegemônicos, isto é, o poder não é tomado como monolítico e as identidades sociais não são fixas.

Assim, relacionando as representações ativas das mulheres transexuais à concepção de luta contra posições hegemônicas, pode-se perceber o papel da língua como prática social, pois, através dessa articulação das práticas discursivas, entende-se como a língua pode servir de mecanismo de transformação das relações sociais.

Na voz das próprias mulheres transexuais, este grupo social se representa como sujeitos passivos em 20 ocorrências: dez ocorrências em processos relacionais; seis ocorrências em processos mentais; duas ocorrências em processos materiais e duas ocorrências em processos verbais. A maior ocorrência de Inclusão por Passivação nos processos mentais e relacionais evidencia que estes atores sociais se representam como um grupo social que “sente/sofre” com

a violência em todos seus níveis de realização e com a negação de direitos – através dos processos mentais-, e que se caracterizam – a partir dos enunciados relacionais – como sujeitos isolados da sociedade.

Além de Inclusos, esses atores sociais também foram Excluídos na representação. Nesta análise, na sua própria voz, este grupo de atores sociais - as mulheres transexuais – aparece excluído por Encobrimento em 66 (sessenta e seis) ocorrências e por Supressão em 2 (duas) ocorrências. Com isso, as mulheres trans são os atores sociais mais excluídos mesmo que assumam o protagonismo de fala e de ação no *corpus* e no contexto de aplicação do ENEM; no entanto, essa exclusão se dá de forma parcial, pois estes atores podem ser recuperados textualmente em outras ocorrências. Além disso, há predominância de exclusão por Encobrimento nos processos mentais e materiais, o que demonstra que as percepções e as ações de mudança no fluxo de eventos durante o ENEM foram mais ocultadas do que as realizações das outras fotografias representacionais.

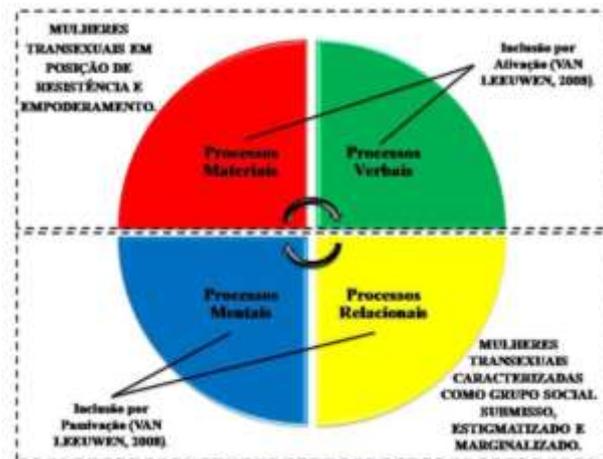
De acordo com van Leeuwen (2008), incluir ou excluir um sujeito através do discurso é consequência de uma prática social constituída dentro de estruturas de formação ideológicas e de relações de poder. Por conta dessa natureza indissociável entre língua e práticas sociais, é importante perceber, ao analisar construções linguístico-discursivas, a representação imposta pelo ator social incluído, uma vez que, segundo o autor, o mecanismo da exclusão só poderá ser mais bem utilizado na análise numa comparação crítica de diferentes representações da mesma prática social, que não é o caso desta pesquisa que tem como objetivo mapear as representações linguístico-discursivas das próprias mulheres trans por elas mesmas.

Pensando no papel da representação dos atores sociais como sujeitos inclusos/ativos e, sabendo que, conforme Fairclough (2001, p. 45), “os sujeitos sociais são formados por práticas discursivas, e são capazes de remodelarem e reestruturarem estas práticas”, compreende-se que “as relações de poder não são fixas e podem ser contestadas” (MOITA LOPES, 2002, p. 94). Assim, a posição de resistência desses atores sociais – evidenciada nos processos materiais e verbais através da representação por Inclusão ativa -, e a caracterização como grupo submisso a uma estrutura de dominação – materializada pelos enunciados mentais e relacionais, expressa nas evidências linguístico-discursivas da representação por Inclusão passiva -, mesmo que tenham sentidos opostos, podem atuar como ferramentas complementares na produção de “contra discursos existentes de grupos não hegemônicos” (MOITA LOPES, 2002, p. 94).

Pensando nisto, se sintetizarmos os resultados que obtivemos das análises de

transitividade e da representação dos atores sociais no discurso, teremos duas características macro da representação linguístico-discursiva das mulheres transexuais a partir das suas escolhas léxico-gramaticais em situações de preconceito no contexto de aplicação do ENEM nos anos de 2014 a 2017 (além de outros contextos socioculturais da vida destes sujeitos), manifestadas na voz das próprias mulheres trans em cinco reportagens na mídia eletrônica brasileira:

Figura 1 - Características macro da representação linguístico-discursiva das mulheres transexuais durante o ENEM nos anos de 2014 a 2017.



Fonte: o autor.

A Figura 1 demonstra que, quando esses atores sociais permanecem submissos em alguns espaços ou eventos, como é o caso do ENEM e a partir disso, podem assumir, por exemplo, a posição de resistência e de empoderamento, através de ações no mundo físico e da produção de contra discursos, para cobrar, por exemplo, políticas públicas que as incluam como sujeitos sociais além do uso do nome social. Esse empoderamento, que utiliza o discurso como ferramenta combativa, na visão de Fairclough (2001, p. 87), pode “contribuir para a produção, reprodução e transformação das relações de dominação” que, no caso das mulheres trans, as mantêm como sujeitos submissos a um a ordem dominante.

Considerações finais

Os significados expressos na voz das próprias transexuais para representar essa prática

discursiva investigada nesta pesquisa são, na verdade, “reflexos dos mesmos conflitos existentes na sociedade brasileira em geral” (MOITA LOPES, 2002, p. 60). Isso é refletido nos espaços educacionais (escola ou universidade, por exemplo) e, no caso desta pesquisa, no ENEM, pois ambos servem à ideologia dominante, naturalizam preconceitos e discriminações através de diversos discursos, do seu currículo, do livro didático e dos próprios professores (da equipe de aplicadores, no caso do ENEM), que por desconhecerem as multidimensões da sexualidade e do gênero, contribuem veementemente para imortalizar a LGBTfobia (SILVA JÚNIOR; CAVALCANTI, 2018). Por isso, é necessário que o debate sobre gênero chegue às escolas e, principalmente, às aulas de línguas, pois, através do uso da língua, estas se tornam um espaço que possibilita a problematização e discussão da sexualidade e do gênero. Lutar por uma sociedade com mais igualdade e pensar em formas de amenizar a opressão sofrida pelos sujeitos LGBTs, em especial as transexuais, deve ser um papel da educação, pois falar de identidade de gênero e de mulheres transexuais é falar de vários tipos de violências.

A partir dessa conjuntura sociocultural de estigma e preconceito para com as mulheres transexuais, como objetivo principal deste artigo, procuramos investigar, do ponto de vista linguístico-discursivo, a construção da representação de mulheres transexuais a partir de recursos linguísticos utilizados por elas no contexto da prova do Exame Nacional do Ensino Médio, manifestado no discurso das próprias na mídia eletrônica. De forma preliminar, este artigo buscou investigar a relação entre língua e práticas sociais e, sobretudo, que as representações são construídas discursivamente.

No entanto, este estudo apresenta algumas limitações que poderão se constituir noutras janelas de futuras pesquisas. Por exemplo, o tamanho do *corpus* e à sua natureza. Em relação ao primeiro aspecto, sabe-se que um *corpus* maior poderia nos trazer resultados mais amplos com relação a outras fatias das práticas sociais que envolvem as mulheres transexuais. A respeito da natureza, precisamos investigar se ferramentas como entrevistas, por exemplo, podem contribuir melhor para a investigação da representação linguístico-discursiva deste grupo social. Outra dimensão a ser expandida aqui diz respeito às categorias de análise, fizemos o seguinte recorte a partir dos dois quadros epistemológicos, o Sistema de Transitividade na dimensão Experiencial da GSF e as categorias de Inclusão e Exclusão da Teoria de Representação dos Atores Sociais. É preciso averiguar se a ampliação das categorias de análise não traria resultados mais sólidos. Outra área carente de expansão se relaciona ao contexto de onde foram retirados os textos. Faz-se necessário investigar também se o resultado obtido aqui

seria replicado noutros contextos como o contexto acadêmico, um dos espaços almejados pelas mulheres transexuais. Por isso, aponta-se para a necessidade de mais pesquisas que relacionem os estudos críticos do discurso e as representações destes atores sociais, principalmente, em espaços não ocupados por estes.

Assim, com esta análise, podemos concluir que, as mulheres transexuais expressam discursivamente duas características macro da representação da sua(s) identidade(s) através das suas escolhas léxico-gramaticais em situações de preconceito no contexto de aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio: 1) a posição de resistência desses atores sociais – evidenciada nos processos materiais e verbais através da representação por inclusão ativa -, e 2) a posição de grupo submisso a uma estrutura de dominação – materializada pelos enunciados mentais e relacionais e expressa nas evidências linguístico-discursivas da representação por inclusão passiva. Essas construções auxiliam a esse grupo social na transformação das práticas sociais, tendo o discurso como principal ferramenta de empoderamento.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. *Aumenta o uso do nome social por travestis e transexuais no Enem 2016*. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-10/aumenta-o-uso-do-nome-social-por-travestis-e-transexuais-no-enem-2016> />. Acesso em: 3, Mar. 2018.
- AGÊNCIA BRASIL. *Transexuais reclamam de preconceito durante prova do Enem*. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2015-10/candidatas-reclamam-de-preconceito-durante-prova-do-enem> />. Acesso em: 3, Mar. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. *Portaria MEC nº 438, de 28 de maio de 1998*. Institui o Exame Nacional do Ensino Médio ENEM. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/diretrizes_p0178-0181_c.pdf. Acesso em: 3, Mar. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. *Edital MEC Edital nº. 12 de 8 de maio de 2014*. Exame Nacional do Ensino Médio ENEM 2014. http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/edital/2014/edital_enem_2014.pdf. Acesso em: 3, Mar. 2018.
- BRASIL. *Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016*. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Brasília: DF, 2016.
- CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity. Rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- CUNHA, M.; SOUZA, M. *Transitividade e seus contextos em uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

G1. *Inep diz que 95 transexuais poderão usar nome social no Enem 2014*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/enem/2014/noticia/2014/09/inep-diz-que-95-transexuaispoderao-usar-nome-social-no-enem-2014.html> />. Acesso em: 3, Mar. 2018.

G1. *Trans aprovada no Sisu dá dicas a quem vai usar o nome social no Enem*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/educacao/noticia/2015/10/trans-aprovada-no-sisu-da-dicas-quem-vai-usar-o-nome-social-no-enem.html> />. Acesso em: 3, Mar. 2018.

G1. *Mulher trans paraense será reconhecida na prova do Enem com nome social*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/enem-para/2017/noticia/mulher-trans-paraense-sera-reconhecida-na-prova-do-enem-com-nome-social.ghtml> />. Acesso em: 3, Mar. 2018.

GRUPO GAY DA BAHIA. Mortes violentas de LGBT no Brasil. *RELATÓRIO 2017*. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/2018/01/18/brasil-campeao-mundial-de-crimes-lgbt-fobicos/> />. Acesso em: 3, Mar. 2018.

HALLIDAY, M. The notion of “context” in language education. In: Ghadessy, M., (ed.): *Text and Context in Functional Linguistics*, p. 1 – 24. Amsterdão: Benjamins, 1999.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. *An Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. London: Arnold, 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *INEP*. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/inicio>. Acesso em: 3, Mar. 2018.

JESUS, J. G. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília, 2012.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

SILVA JÚNIOR, A. S.; CAVALCANTI, M. C. Os conceitos de família e de sexualidade no livro didático *Alive! 6: letramento crítico e ensino de língua estrangeira na contemporaneidade*. In: Simpósio Interdisciplinar de Estudos Linguísticos, 2., 2018, Fortaleza, *Anais...* Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2018. Disponível em: <https://anaisdosiel.wordpress.com/2018/02/23/juniorcavalcanti/>

TRANSGENDER EUROPE. *TvT research project (2015) Trans Murder Monitoring, “Transrespect versus Transphobia Worldwide” (TvT) project website*. Disponível em: www.transrespect-transphobia.org/es/tvt-project/tmm-results.html. Acesso em: 3, Mar. 2018.

VAN LEEUWEN, T. A representação dos actores sociais. In: Pedro, Emília (org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 169-222.

VAN LEEUWEN, T. *Discourse and Practice: new tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford University Press, 2008.

**Artigo recebido em fevereiro de 2019.
Artigo aceito em abril de 2019.**